



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

PATRICIA SAMARA MARQUES DE SOUSA

**PODEM AS MULHERES GOZAR? DISCURSOS CIENTÍFICOS SOBRE O ORGASMO
FEMININO**

CUITÉ/PB

2019

PATRICIA SAMARA MARQUES DE SOUSA

**PODEM AS MULHERES GOZAR? DISCURSOS CIENTÍFICOS SOBRE O ORGASMO
FEMININO**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cuité, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

ORIENTADOR:

Prof.Dr. Ramilton Marinho Costa

CUITÉ/PB

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE

S525p Sousa, Patricia Samara Marques de.

Podem as mulheres gozar? Discursos científicos sobre o orgasmo feminino. / Patricia Samara Marques de Sousa – Cuité: CES, 2019.

28 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2019.

Orientador: Dr.Ramillton Marinho Costa.

1. Libido feminino. 2. Orgasmo feminino. 3. Prazer na mulher. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 612.6.064-055.2

Responsabilidade Rosana Amâncio Pereira – CRB 15 – 791

PATRICIA SAMARA MARQUES DE SOUSA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas da UFCG campus Cuité, para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

**PODEM AS MULHERES GOZAR? DISCURSOS CIENTÍFICOS SOBRE O ORGASMO
FEMININO**

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramilton Marinho Costa (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande

Msc^a. Thaissa Machado Vasconcelos
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Alynne Mendonça Saraiva Nagashima
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^a. Dr. José Justino Filho (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande

AGRADECIMENTOS

No decorrer desta minha caminhada acadêmica venho aqui salientar alguns nomes os quais eu sou e serei eternamente grata de maneira demasiada.

A primeira sou eu mesma, Samara, e a minha vagina empoderada.

Depois a minha digníssima rainha Thaissa Machado qual me auxiliou de uma maneira ímpar na conclusão deste meu trabalho, sendo esta pra mim uma mulher extremamente forte e admirável qual tive a oportunidade de conhecer e de um certo modo estabelecer uma amizade linda.

A um dos meus melhores amigos Flávio Jr que diante de todas as minhas dificuldades em lidar com esse processo de encerramento de ciclo, se manteve sempre ao meu lado me dando forças e motivos pra continuar, jamais irei esquecer de todo o cuidado e carinho qual você teve comigo caro amigo em um dos meus momentos mais críticos de vida.

A meu orientador Ramilton Marinho por ter aceitado o desafio de me orientar diante do meu tema em específico.

À Alynne Mendonça outra rainha por ter aceitado compor minha banca e por me ensinar sobre determinação, resiliência e por acreditar que havia em mim uma tida capacidade que eu mesma desconhecia.

Às queridas Geogyanna Albuquerque e Marília Gabriela que a todo momento acreditaram que esse plano ia dar certo e meu sonho ia sair do lúdico pra algo mais concreto.

Às lindas amigas de infância: Isis, Mariama, Iraizi e Milka que nunca desistiram de mim e que todas as broncas tiveram efeito na conclusão desta minha monografia, como também á meus amigos Júlio Simplício , Thales Libânio, Crislaine Marques e Luana Magalhães.

A toda a minha família que me apoiou desde o princípio diante de todos os obstáculos contínuos que tive que enfrentar pra chegar até aqui salientando minha prima Vanessa.

A Matheus Menezes pelos inúmeros orgasmos a mim propiciados e Vitoria Pontes por todo ensinamento sobre lutar pelos meus sonhos sempre de bom grado e a todas as versões de mulheres brasileiras aqui não citadas quais por tempos foram acomodadas e limitadas ao método sócio cultural que foram estimuladas a se estabelecerem quanto tais nesse mundo tão hostil a quem somos.

OBRIGADA!

"Não tem coisa mais bonita

Nem coisa mais poderosa

Do que uma mulher que brilha

Do que uma mulher que goza

Toda mulher que deseja

Acende a força erótica que excita a criação

Dê suporte a mulher forte

Quem sabe a gente muda a nossa sorte..."-Flaira ferro

RESUMO

O presente trabalho discute a respeito de como estão sendo produzidos os discursos científicos que abordam orgasmo feminino. Para tal, foi realizada uma revisão de literatura de natureza descritiva feita a partir de artigos publicados nos bancos de dados: Capes e Scielo datados estes entre os anos de 2014 a 2019, os resultados obtidos foram organizados em uma tabela e através deles percebeu-se que existem alguns entraves que impossibilitam a mulher de alcançar o orgasmo, sendo questões tanto biológicas quanto culturais. Concluiu-se, portanto que atualmente há ainda uma deficiência demasiada por parte da maioria das mulheres que nos trabalhos foram questionadas sobre o entendimento de seus próprios corpos e conjuntura mental sexual mais livre de tabus e delimitações sócio culturais que ainda mantém estabelecendo um certo controle sobre elas e perpetuando assim nas mesmas determinados entraves sexuais.

Palavras chave: Libido feminino,orgasmo feminino,prazer na mulher.

ABSTRACT

The present work discuss about how the scientific discourses have been produced that deal with the female orgasm. For that, was made a literature review of a descriptive nature made from articles published in the databases: Capes and the Scielo dating these between the years 2014 to 2019 the results obtained were organized in a table and through them it was noticed that there are some obstacles that prevent women from achieving orgasm, being both biological and cultural issues. It was therefore concluded that there is still too much deficiency on the part of the majority of the women who in the works were questioned about the understanding of their bodies and mental sexual conjuncture more free of taboos and socio-cultural delimitations that still maintains establishing a certain control over them and thus perpetuating certain sexual impediments.

Keywords: female libido, female orgasm, Pleasure in Woman.

SUMÁRIO

PRIMEIRO ENCONTRO	1
1. FLERTE.....	2
2. SEDUÇÃO	5
2.1. OBJETIVO GERAL.....	5
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	5
3. DESEJO	6
4. EXCITAÇÃO	7
4.1. ORGASMO E PRAZER FEMININO: A BIOLOGIA EM QUESTÃO	7
4.2. A MULHER E A SOCIEDADE BRASILEIRA	10
5. PRELIMINARES.....	12
5.1. PERCURSO DO ATO	12
5.2. ORAL	12
6. PENETRAÇÃO	13
7. EXTASE.....	24
REFERÊNCIAS	266

PRIMEIRO ENCONTRO

Assim como tantas outras, sou uma mulher questionadora, dotada de uma teimosia demasiada, de modo que, quando esta não me abala, me motiva, sendo assim iniciei o estudo desse projeto na tentativa primordial de me descobrir e atingir “pontos” imaginários que a mim apenas teorizavam através de falas raras ou livros dispersos. Aprender e questionar a vivência sexual feminina não é nada fácil tendo em vista todos os bloqueios psicológicos e tabus culturais quais nós quanto mulheres durante anos fomos inseridas. Porém quando estabelecemos em nós o encorajamento de sairmos da zona de conforto qual nos fora imposta o aprendizado advindo desse encorajamento é transformador, pois nos faz navegar contra noções e práticas arraigadas na nossa cultura e sociedade, que acabam nos impondo uma certa culpa pela nossa própria insatisfação sexual aos homens, pelas restrições da reprodução e maternidade e pela mecânica positivista da ciência que julga e classifica.

E nesse contexto é que vamos descobrindo nossas próprias regras, limites corpóreos, afetos e gozos. Este trabalho não refere-se somente a uma busca por respostas pessoais minhas sobre o referido tema, mas sim a de um coletivo feminino, sobre todos os possíveis entraves que dificultam o orgasmo feminino e alteram a libido da maioria das mulheres. É uma maneira de usar a própria ciência para cobrar seus limites e seus avanços e pra ver, como hoje essa questão é pensada e ampliada.

1. FLERTE

A sexualidade feminina, atravessada pelo campo da linguagem e das significações, não pode ser lida ou compreendida como um mero aparato biológico, separado de um contexto. Por muito tempo as mulheres foram vistas prioritariamente como “reprodutoras”, sendo a sua sexualidade pensada principalmente para a procriação. Leite (2017) aponta que a ciência sexual do século XIX construiu-se calcada no moralismo religioso, perpetuando a visão da mulher como reprodutora nata. Nesse percurso histórico, a sexualidade das mulheres antes vista como pecado, passa a ser tratada como anomalia (LEITE, 2017; História do corpo, livro das mulheres), e assim, o prazer foi de alguma forma reprimido na vida das mulheres.

Por outro lado, o prazer sexual humano independe da reprodução. Diferente de outros animais da natureza, em que a formação de casais e o pareamento sexual é definido por questões reprodutivas (MOURA, 2014), para os seres humanos, inseridos na linguagem e na significação, a reprodução pode não ser o principal fim da atividade sexual, indo além do que a ciência ou o próprio misticismo delimita. Entre os discursos produzidos pelas ciências biomédicas sobre os corpos e sexualidade, a partir do século XVIII, a população de mulheres foi bastante afetada diante de um poder discursivo sobre o sexo, sendo compreendidas tais então como assexuadas, passivas e até mesmo frígidas para as relações sexuais, sendo portadoras de sentimentos delicados e românticos (LAQUEUR, 2001).

Para além das funções reprodutivas, as questões referentes ao prazer obtido pelos corpos através do exercício da sua vida sexual ainda é vista como um tabu no ocidente, ainda que a sexualidade tenha ganho um campo privilegiado de falas e produções científico artísticas a partir do século XVII. (FOUCAULT, A história da sexualidade.)

Estas questões da sexualidade, porém, são mais antigas e mais profundas, para Freud a repressão dos instintos sexuais seria um aspecto fundante da cultura, tanto que o processo civilizatório representou sempre um mal estar difuso na cultura resultante desse deslocamentos, cujo aspecto essencial está na formulação do Complexo e Édipo, a partir do qual se estabelecem as primeira regras e tabus sociais, desdobrando-se na religião, na política e na institucionalização da vida humana em sociedade. O criador da psicanálise, toma a sexualidade como questão importante para a subjetivação (FREUD, 1930/2016, pp.105-117). Entre suas teorizações, algumas inflexões importantes são realizadas com o campo de saber da biologia, ainda que sustente que os fins das atividades sexuais humanas, divergem do que se relaciona unicamente com a função biológica da reprodução (SIMANKE, 2014). O fundador da psicanálise já afirmava que o campo científico biológico tinha limites no entendimento da sexualidade humana, pois

esta, no processo evolutivo, havia tomado outros contornos. Segundo o autor, após a aquisição da posição bípede houve uma diminuição dos estímulos olfativos, uma vez que antes o homem era atraído pelo odor liberado pela menstruação feminina. O cheiro foi substituído pelos estímulos visuais, que mostraram-se de efeitos mais permanentes (Apud CECCARELLI; ANDRADE, 2018).

A biologia, por sua vez, foi um campo do conhecimento majoritariamente marcado por uma racionalidade positivista, e no que se refere aos corpos e a sexualidade humanos, por muitas vezes acabou por naturalizar relações desiguais de poder por levar em consideração apenas os fatores moleculares, sem trazer para a discussão as implicações culturais, sendo assim é preciso que sejam elucidados os seus limites na discussão (FAUSTO-STERLING, 2002), visto que, nenhum campo de saber seria capaz de, sozinho, dar conta de toda complexidade da sexualidade para os humanos.

Por volta dos anos 70, contudo, grupos feministas e sexólogos começaram a questionar as noções científicas que, se sustentando em um discurso dotado de verdade, tomando como referência o aparato da natureza, reforçavam valores machistas. Discursos estes que, através das diferenças entre os organismos se propunham a justificar diferenças dos comportamentos entre os sujeitos sexuais (chamados de homens e mulheres). Correntes teóricas, como as produzidas por John Money e Anke Ehrhardt (1972 Apud FAUSTO-STERLING, 2002), passaram a diferenciar o sexo do gênero: enquanto o primeiro fala sobre o corpo em seu caráter físico (diferenças corporais), o segundo dizia respeito às diferenças de construção social e cultural que influíam na construção subjetivas dos sujeitos homens e mulheres. A teoria proposta foi endossada por parte do movimento feminista, contudo essa diferenciação fez com que aumentassem os ataques a este com base em argumentos biológicos, atrelando as diferenças comportamentais às diferenças entre os organismos (FAUSTO-STERLING, 2002).

A bióloga Anne Fausto- Sterling (2002), discute que, para além da dicotomia entre natureza e cultura, apontada anteriormente, há uma tendência a um dualismo em diversos espaços, inclusive na ciência, que acaba por limitar e até falsear certos aspectos das realidades. Neste contexto que aqui nos dispomos a discutir, coube a biologia descrever anatomicamente os órgãos sexuais (reduzindo assim, muitas vezes, a questão da sexualidade às partes específicas do corpo, não o sexualizando por completo) e às ciências humanas dar conta das questões sociais e culturais que moldam nossa percepção da sexualidade. Na maioria das discussões públicas e científicas, o sexo e a natureza são considerados reais, e o gênero e a cultura são vistos como construídos. Mas, ainda segundo a autora, trata-se de falsas dicotomias, visto que aquilo que se

coloca como natural, também está imerso na história e na cultura, (LAQUEUER, 2001, Apud VIANA, 2014).

Contudo, apesar do posicionamento da bióloga citada, ainda é perceptível que a visão propagada por discursos biológicos trata como natural a sexualidade, e neste campo, naturalizando ainda uma sexualidade masculina, branca e heterossexual, relegando o lugar de desvio às formas de vivências sexuais que não se enquadram nesses padrões (SOUZA, 2008). É preciso questionar o lugar onde foi discutida a sexualidade das mulheres, pensar nas intensas intervenções médico-científicas realizadas nos corpos das mulheres a fim de controlar experiências e práticas (os intensos exames ginecológicos, as alternativas hormonais prioritariamente no corpo das mulheres a fim de regular a reprodução ,etc). Sendo assim, esta ciência em sua atuação, perpetua uma visão essencialista do fenômeno sexual, trabalhando na pesquisa e no ensino uma visão que naturaliza as diferenças entre homens e mulheres.

Este trabalho se afina com as reflexões que pensam o sexo numa dimensão “biohistóricocultural”. Concordamos que o discurso da biologia não carrega a verdade absoluta sobre os corpos e a sexualidade humana, e que o que concerne a sexualidade das mulheres, alguns discursos podem impactar suas experiências de prazer no campo sexual. Pensamos que a verdade do sexo é uma produção, sem descaracterizar seu lugar material, molecular, cromossômico, hormonal, mas que para além disto, outras variáveis se colocam no lugar da cultura, da história, da política e da religião, de modo a se colocar na densa discussão da sexualidade humana.

Ditas estas questões, preliminarmente, dividimos este trabalho da seguinte forma: no capítulo 2 iremos apresentar nossos objetivos, para em seguida apresentar a fundamentação teórica que fundamentou a nossa análise. Em seguida é apresentada a nossa metodologia, resultados e discussão e conclusão. Por se tratar de um trabalho sobre orgasmo, nomeamos os capítulos com nomes relativos às fases do sexo.

2. SEDUÇÃO

2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar discursos científicos que versam sobre orgasmos e a libido no corpo das mulheres.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar referencial bibliográfico a partir de questões que abordem termos relacionados à vida sexual das mulheres;
- Entender quais são as delimitações sócios culturais que ainda se mantêm estabelecendo um certo controle sobre as mulheres em relação a como elas vivenciam sua sexualidade.

3. DESEJO

Os discursos científicos são de grande importância para a formulação de explicações sobre os fenômenos da realidade. Este saber, contudo, muitas vezes legitima relações desiguais de poder, dando explicações que só reforçam valores morais construídos socialmente (LEITE, 2017).

Neste cenário, o corpo feminino é alvo de várias tentativas de controle por parte das várias instituições presentes na sociedade, tendo a sua sexualidade negada e até mesmo por muitas vezes patologizada. A ciência foi responsável por uma histerização do prazer da mulher, considerando a sua dimensão sexual perigosa, necessitando assim de controle (FOUCAULT, 1988 Apud VIANA, 2014).

Este trabalho se faz necessário para compreender quais discursos científicos estão sendo produzidos sobre a questão do orgasmo, pontuando como estes se articulam com as questões sociais e históricas que atravessam a construção da mulher e a vivência da sua própria sexualidade.

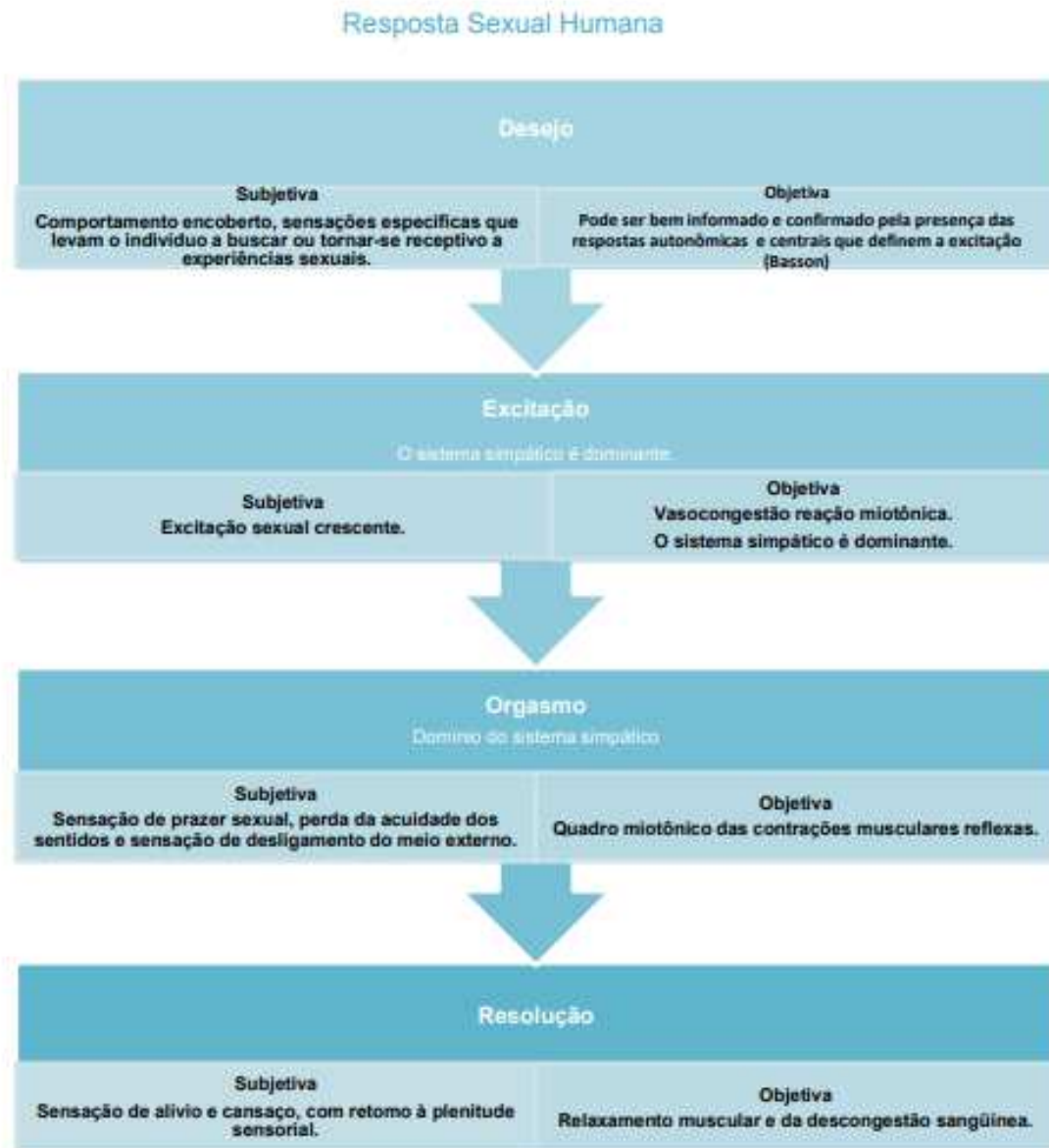
4. EXCITAÇÃO

4.1. ORGASMO E PRAZER FEMININO: A BIOLOGIA EM QUESTÃO

A palavra “orgasmo” tem origem grega (*orgasmós*), tendo o sentido relacionado a ferver de ardor. Este fenômeno pode ser conceituado como sendo o nível mais alto de excitação sexual, sendo então o prazer físico mais forte que nós seres humanos podemos experimentar (LINS & BRAGA, 2005).

Seria reducionista descrever o orgasmo como sendo localizado apenas nos órgãos genitais, uma vez que o fenômeno abrange outras áreas do corpo, apresentando contrações musculares no abdômen e pescoço, além das nádegas e face. É comum também que haja uma rápida perda da consciência, elevação dos batimentos cardíacos e da pressão arterial, além de aumento do ritmo da respiração (HALBE, 2000).

No campo da neurociência, podemos reconhecer dois modelos que dizem respeito à representação da resposta sexual humana (RSH). O primeiro, criado por diferentes autores (MASTERS & JOHNSON, 1966; KAPLAN, 1979 Apud SILVA, 2011) que se complementaram para pensar como funcionava o sexo em nível neurológico. Os teóricos pensaram que a RSH acontecia em quatro fases: Desejo>Excitação>Orgasmo>Resolução. Cada fase tinha particularidades subjetivas e orgânicas, acontecendo, neste modelo, de forma igual entre homens e mulheres. O modelo é exemplificado e detalhado na Figura 1.



Fonte: (SILVA, 2011)

Este modelo “clássico” começou a ser questionado por alguns autores (GAGNON; LAUMANN; MICHAEL e MICHAELS, 1994; KAPLAN, 2002 Apud SILVA, 2011), que argumentavam que existiam diferenças entre o processo de resposta sexual humana nos homens e nas mulheres, criando assim um segundo modelo de representação da RSH. O argumento dizia que as questões emocionais das mulheres poderiam interferir nas suas questões hormonais, fazendo com que sua excitação sexual fosse prejudicada, não acontecendo o mesmo entre os homens. Após as constatações dos autores, aumentaram o número de transtornos sexuais femininos (SILVA, 2011). É importante notar que, no campo das emoções, estas estão disponíveis para os homens e para as mulheres, nos levando a questionar o porquê de se afirmar

que as questões emocionais das mulheres seriam então capazes de fazer interferência em sua vida sexual e não na dos homens, em mesma medida. Neste contexto, as produções sócio históricas sobre corpos e prazeres precisam ser trazidas à vista.

Sendo assim, as mulheres ficaram pairando entre a dicotomia frígida-ninfomaníaca, tendo a sua sexualidade patologizada. Isto revela um certo machismo estrutural que influenciou as formulações científicas, uma vez que o sexo surge no ocidente em um contexto conflituoso entre gênero e poder (LAQUEUR, 2001). Homens e mulheres ocupavam lugares sociais hierarquicamente diferentes, associados às posições ocupadas por estes no ato sexual. As preocupações não eram mais quanto a qualidade do prazer, mas quanto “ao lugar estratégico do sexo para a continuidade social e familiar e para a distinção e sobrevivência cultural de civilizações” (LAQUEUR, 2001 Apud VIANA, 2014). Sendo assim a histerização feminina fez parte de um grupo estratégico de relações de saber e poder no século XVIII (FOUCAULT, 1988 Apud VIANA, 2014), fazendo da mulher uma figura de uma sexualidade perigosa e de uma organização física e moral questionável.

Sendo tanto a falta quanto o excesso de prazer feminino patologizados, podemos dizer que o único lugar cabível e socialmente aceito no ocidente para o sexo praticado por mulheres é a reprodução e, mesmo quando o orgasmo era associado diretamente a reprodução, o prazer feminino ainda não era assegurado (LAQUEUR, 2001). Investigando as mulheres estadunidenses do século XVIII, Laqueur (2001) percebeu que lhes era resguardado o posto de procriadoras. Por muito tempo acreditou-se que para que o ato sexual pudesse gerar uma cria era preciso que a mulher sentisse prazer no mesmo. Contudo, muitas mulheres não conseguiam chegar a tal ápice e quando questionadas sobre o que sentiram na noite da concepção de seus filhos elas apenas reproduziam o discurso da tradição, afirmando que haviam sofrido de uma espécie de amnésia na noite em que o ato ocorreu. A sustentação de tal afirmação evitava que elas mesmas se questionassem quanto a ausência do orgasmo ou que tentassem explica-lo pois, fazendo isso estariam contrariando todos os valores morais vigentes.

Além disso, também é possível identificar aparatos da indústria farmacêutica que tem por função auxiliar no gozo masculino, como o Viagra. Contudo, quando pensamos nas intervenções farmacológicas oferecidas às mulheres, todas tem como foco maior a reprodução: seja para evita-la, como no caso dos anticoncepcionais, ou para amenizar sintomas decorrentes de seus efeitos, como os hormônios usados para tratar as disfunções após a fase climatérica. Ainda podemos destacar que, em algumas mulheres, as pílulas anticoncepcionais podem atrapalhar seu prazer sexual, diminuindo sua libido e a secreção vaginal, causando eventual dor durante a penetração (HATCHER et al., 2001).

A sexualidade das mulheres aparece útil ao controle dos corpos e das populações, se colocando a este fim diversos discursos (científicos, religiosos, políticos), e práticas (exames, alternativas hormonais farmacológicas, etc) para controlar-lhes as formas como estas experienciam a sexualidade. Neste compasso, questões de ordem histórica e cultural acabam por ser experienciadas nos corpos, garantindo-lhe a estes um espaço de aparente naturalidade.

4.2. A MULHER E A SOCIEDADE BRASILEIRA

Existem duas figuras centrais na forma como a sociedade brasileira lida com a sexualidade feminina: a mulher de família e a prostituta. Marilena Chauí (1984) investiga, através de análises de obras literárias, como a sexualidade era vista até o século XX no Brasil. Ao mesmo tempo que existia uma cobrança para que as mulheres se mantivessem castas e virgens, resguardando a sua atividade sexual apenas para a procriação, também era comum que os prostíbulos ocupassem uma centralidade nas cidades, uma vez que as prostitutas serviam para satisfazer os desejos sexuais dos homens sem que estes tivessem que macular suas namoradas antes do casamento. Podemos então constatar que as mulheres brasileiras estão inseridas num contexto carregado de valores morais que podem fazer interferências sobre a vivência da sua sexualidade.

As postulações da Marilena Chauí ainda se faz muito atual, pois mesmo o mundo tendo vivido grandes transformações, onde movimentos como o feminista começaram a colocar em debate a liberdade sexual das mulheres, ainda há uma grande tentativa de controle e regulação moral sobre elas. Seixas (1998 Apud FAGUNDES, 2009) considera que mesmo com as lutas das mulheres, até agora ainda há uma tida dominação do homem sobre a mulher e uma docilização inerente a construção das mulheres dentro da sociedade.

Mais uma vez percebemos a dicotomia predominante na visão sobre a sexualidade feminina: de um lado a mulher casta e frígida e do outro a prostituta vulgar e ninfomaníaca. No Brasil enxergamos mais uma vez a forma como as identidades femininas são moldadas num contexto machista, afetadas pelas relações de saber e poder (FOUCAULT, 1988 Apud VIANA, 2014), uma vez que ela ou assume o lugar de doméstica, submissa aos anseios e vontades do marido, ou ocupa lugar de prostituta, marginalizada e indigna de ocupar grandes posições sociais.

Cabe aqui o questionamento sobre os efeitos deste contexto onde a mulher constrói sua percepção de si mesma para a vivência da sua sexualidade. Não nos deteremos em explicações

conceituais exacerbadas, contudo pensamos que a psicanálise culturalista pode nos oferecer um bom instrumental para a análise desta questão. Em seu livro “Repressão Sexual”, Reich (1991) nos fala que os seres humanos, para conviver em sociedade, precisam abrir mão de suas pulsões sexuais primitivas, recalçando-as para o nível do inconsciente, vivendo assim numa estrutura psíquica neurótica. O autor afirma ainda em outra obra que por trás de todo caso de rejeição da sexualidade e inibição sexual existe primeiramente uma inibição moral (REICH, 1990).

O processo narrado por Reich acontece entre homens e mulheres, contudo nos pomos a pensar para o presente trabalho como ele afeta especificamente o gozo feminino. A mulher constrói sua sexualidade em um contexto onde ela é alvo de constantes tentativas de controle, mediante diversos discursos, sendo considerada ora frígida, ora ninfomaníaca. Qual seria então o efeito deste processo na relação que a mulher desenvolve com o seu corpo e com o próprio prazer?

Menezes (2000 Apud FAGUNDES, 2009) afirma que um dos principais problemas que dificultam o alcance do orgasmo é a falta de conhecimento sobre o próprio corpo pelas mulheres e pelos homens. Não seria adequado que as mulheres já conhecessem perfeitamente suas zonas eróticas, uma vez que na adolescência os indivíduos, graças a puberdade, iniciam a descoberta de suas zonas sexuais, usando a automanipulação? O autor ainda afirma que o sensacionalismo midiático produz efeitos sobre a obtenção do orgasmo sexual, colocando-o, muitas vezes, em um lugar quase inalcançável, sendo quase impossível de atingi-lo. Expressões como “perder os sentidos”, “ir aos ares” e “ver estrelas” expressam essa posição.

Consideramos então, que a visão da mulher inserida na sociedade é tão cara para o entendimento de suas questões sexuais quanto a análise de seus aspectos fisiológicos e moleculares. Corroboramos assim com a visão da bióloga Anne Fausto-Sterling (2001) que enxerga o gênero e a sexualidade como produzidos histórico e culturalmente em cima de aparatos materiais e biológicos.

5. PRELIMINARES

Essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica com abordagem qualitativa, a qual foi realizado um levantamento do acervo referente ao tema estudado. Assim, se buscou junto á artigos atualizados, compreender as percepções da mulher acerca da libido e do orgasmo feminino.

Como referência de material de análise, foram analisados artigos científicos produzidos sobre o tema que mobiliza a pergunta de investigação: Que discursos científicos têm sido produzidos sobre os orgasmos femininos? Assim também nos dando a ideia sobre a existência pertinente ainda sobre possíveis entraves que dificultam as mulheres de sentirem orgasmos.

5.1. PERCURSO DO ATO

Para a obtenção do material de pesquisa foi realizada uma consulta nas seguintes bases de dados: *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e no banco de artigos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Foram levantados artigos publicados entre os anos de 2014 e 2019, com o intuito de alçar materiais mais atualizados sobre o tema, no idioma português, para refletirmos como a questão se dá no contexto brasileiro. Para o levantamento foram usados os descritores “orgasmo feminino” e “libido feminina”.

Nesta revisão optou-se pelo uso das bases de dados citadas, pois o critério utilizado pelas mesmas na seleção dos artigos encontrados é a quantidade de vezes que os indexadores aparecem nos artigos.

5.2. ORAL

Após o levantamento bibliográfico, foi realizada a leitura do material, onde as principais informações foram compiladas. Posteriormente, foi realizada uma análise qualitativa/descritiva das mesmas buscando estabelecer uma compreensão e ampliar o conhecimento pesquisado.

6. PENETRAÇÃO

Este estudo teve como intuito analisar os discursos científicos produzidos sobre o orgasmo feminino, demonstrando ainda, se existe fatores sociais que possam interferir na sexualidade das mulheres. Mediante o objetivo de elucidar as percepções da proposta, foi elaborada uma tabela estruturada para melhor compreensão do leitor quanto à apresentação dos resultados.

As bases de artigos usadas para o presente trabalho têm como critério para a seleção de artigos a quantidade de vezes em que os indexadores são citados. Sendo assim, foram encontrados artigos que não discutiam o orgasmo feminino propriamente dito, mas apenas citavam este em seus textos.

Uma leitura foi realizada a fim de identificar quais artigos dialogaram diretamente ou tinham aproximações pertinentes sobre a questão do orgasmo feminino. Estes foram organizados em uma tabela com o intuito de uma descrição quantitativa para posterior análise qualitativa para construção dos processos de reflexões e análises (Tabela 1).

Tabela 1: Levantamento bibliográfico utilizando os descritores “orgasmo feminino” e “libido feminina” no banco de teses e dissertações da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (capes), e na scientific electronic library online (scielo), no período de 2014 a 2019.

	Base de Dados	Títulos	Ano	Autores	Descritor
1	CAPES	A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo	2015	Andréia Silva Reis; Cristiani Kobayashi	orgasmo feminino
2	CAPES e Scielo	O gozo da insatisfação na relação sexual	2016	Silvia Lippi	orgasmo feminino

3	CAPES	Arte: transito,migracoes, identidade.	2016	João Paulo Queiroz	orgasmo feminino
4	CAPES	Ironia e Discurso Feminino	2014	Olga DonataGuerizoliKempiska	orgasmo feminino
5	CAPES	Comportamento sexual de estudantes de medicina portugueses e seus fatores preditivos	2016	CarlaPeixoto; Francisco Botelho; InêsTomada; Nuno Tomada	orgasmo feminino
6	CAPES	Validação da versão portuguesa do Índice de Funcionamento Sexual Feminino – 6	2017	Pedro Santos Pechorro; Patrícia Monteiro Pascoal; Nuno Monteiro Pereira; Carlos Poiares; Saul Neves Jesus; Rui Xavier Vieira	orgasmo feminino
7	CAPES	Prevalência de disfunção sexual entre pacientes acompanhadas na coorte Brasília de artrite reumatoide inicial	2015	Thais Ferreira Costa; Carolina Rocha Silva; Luciana Feitosa Muniz; Lícia Henrique Maria da Mota	orgasmo feminino
8	CAPES	Como o reumatologista pode orientar o paciente com artrite reumatoide sobre função sexual	2015	Pedro Henrique Tavares Queiroz de Almeida; Clarissa de Castro Ferreira; Patrícia ShuKurisky; Luciana Feitosa Muniz; Lícia Henrique Maria da Mota	orgasmo feminino
9	CAPES	Uma etnografia sobre o	2014	Marcos de Jesus Oliveira	orgasmofeminino

		atendimento psicoterapeutico a transexuais.			
10	CAPES	A depressão nos doentes hemodialisados: o papel da satisfação corporal e da sexualidade	2016	Ana Raquel Carvalho; Maria Raquel Barbosa	orgasmo feminino
11	CAPES	Feminismo, Marxismo, Metodo e o Estado: Uma agenda Para Teoria	2016	Catherine A. Mackinnon	orgasmo feminino
12	CAPES	Rumo a Um Feminismo Descolonial	2014	Maria Lugones	orgasmo feminino
13	CAPES	A VEZ DE MORRER: GRANIZO E CHUVA NO LUGAR TOTAL DE SIMONE CAMPOS	2018	Milena Magalhães	orgasmo feminino
14	CAPES e Scielo	Terapia cognitivo-comportamental em grupo para a disfunção sexual na pós-menopausa	2018	Maria de Jesus Siqueira de Almeida Clayton Peixoto Tatiana Teixeira de Siqueira Bilememjian Ribeiro Lucy Maria da Silva André Barciela Veras	orgasmo feminino

15	CAPES	Influências do climatério na atividade sexual feminina	2016	AnthonioAlisancharles Batista de Almeida; Cecília Danielle Bezerra Oliveira; Fabiana Ferraz QueirogaFreitas ;Karolliny Abrantes deSousa ; Maria Tibéria Da Silva Carolino; Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	libido feminina
16	CAPES	O Papel da Testosterona na Melhoria do Desejo Sexual da Mulher Pós-Menopáusicas: Uma Revisão Baseada na Evidência	2018	Maria Gouveia ; Raquel Sanches ; Sara Andrade ; Sara Carmona ; Carolina Ferreira	libido feminina
17	CAPES e Scielo	Repercussões da Menopausa para a Sexualidade de Idosas: Revisão Integrativa da Literatura	2017	IzabellaLenzaCrema;Rafael De Tilio; Maria Teresa de Assis Campos	libido feminina
18	CAPES	PREVALÊNCIA DE DISFUNÇÃO SEXUAL EM PACIENTES COM FIBROMILAGIA ATENDIDAS EM UM HOSPITAL PÚBLICO DA	2017	Costa, M.D.C. ; Neto, E.A. ; Lobato, Fátima	libido feminina

		CIDADE DE BELÉM DO PARÁ			
19	CAPEB	O feminismo bem-comportado de Heleieth Saffioti (presença do marxismo).	2014	Celi Regina Jardim Pinto	libido feminina
20	CAPEB	Androginia e Surrealismo a propósito de Frida e Ismael--velhos mitos: eterno feminino	2014	Maria Bernadete Ramos Flores	libido feminina
21	CAPEB	Efeito da cinesioterapia na qualidade de vida, função sexual e sintomas climatéricos em mulheres com fibromialgia	2015	Lilian Lira Lisboa; Elisa Sonehara; Katia Cristina Araújo Nogueira de Oliveira; Sandra Cristina de Andrade; George Dantas Azevedo	libido feminina
22	CAPEB	A MULHER E A SOCIEDADE NO ROMANCE JUBIABÁ DE JORGE AMADO	2015	Santos, M ; Cavalcante, I	libido feminina
23	CAPEB	A ciberpele do pornográfico	2014	Phillipe Joron	libido feminina

Foi possível observar que dentre os 23 artigos analisados, apenas 7 faziam uma discussão mais direta sobre o orgasmo feminino, sendo que haviam ainda 3 trabalhos que mencionavam pontualmente fatores que interferiam ou impossibilitavam as mulheres de

chegarem ao orgasmo. Os demais 13 trabalhos da tabela não inclusos nos resultados e discussões deste mesmo podem ser divididos em três agrupamentos referentes aos assuntos de que tratavam: Ensaaios teóricos sobre o feminino e o feminismo, validação de testes ou técnicas para a avaliação e tratamento de disfunções sexuais e análises de obras literárias.

Para exemplificar o primeiro grupo, podemos destacar o trabalho de Pinto (2014) que tem por título “O feminismo bem-comportado de Heleieth Saffioti (presença do marxismo)”. O artigo explana sobre o casamento entre o marxismo e o feminismo promovido por Saffioti, destacando aspectos conceituais presentes na obra da autora. Apesar de tratar questões referentes ao feminino, os trabalhos não abordam o orgasmo.

Já para o segundo grupo destacamos o trabalho intitulado “Validação da versão portuguesa do Índice de Funcionamento Sexual Feminino – 6” (PECHORRO et al., 2017). O artigo descreve os testes feitos com 375 mulheres para a validação da versão portuguesa do Índice de Funcionamento Sexual Feminino, tendo como conclusão a justificação de seu uso. Apesar dos trabalhos tratarem de questões relacionadas à disfunções sexuais, não é abordado o orgasmo e a maneira que as mulheres o obtém, não servindo então para a presente discussão.

O terceiro grupo pode ser exemplificado pelo artigo “A Mulher e a Sociedade no Romance Jubiabá de Jorge Amado” (SANTOS & CAVALCANTI, 2015). O trabalho aborda as diferentes representações da mulher presentes no romance do autor baiano, concluindo que ele dá lugar, em sua obra, às classes menos favorecidas, retratando os conflitos sociais e as subversões nas relações de poder. Apesar dos trabalhos deste grupo tratarem de questões referentes ao feminino nas obras literárias, eles não discutem a questão do orgasmo.

Entre os artigos que discutiam diretamente a questão do orgasmo nas mulheres, percebeu-se uma maior produção por parte da psicologia (2) e da medicina (2), Psicanálise (1), Direito (1) e Letras (1). Já entre os artigos que mencionavam pontualmente o orgasmo temos 2 produções da psicologia e 1 da medicina. Não foi encontrado nenhum artigo produzido por profissionais ou acadêmicos das ciências biológicas, podendo indicar uma assim uma determinada omissão dos profissionais dessa área perante o tema proposto. Apesar de não ter sido encontrado nenhum artigo produzido por profissionais ou acadêmicos das ciências biológicas, indicando um possível silenciamento deste campo de saber no estudo sobre a libido e orgasmos femininos, três destes trabalhos tratam dos fatores biológicos/hormonais e relatam sobre os efeitos do climatério e da menopausa na sexualidade das mulheres, bem como as transformações advindas com o avanço da idade e que são estes:

Segundo Almeida *et al* (2016), no trabalho intitulado: Influência do climatério na atividade sexual feminina numa amostra composta de 330 mulheres com faixa etária de 35 a 65

anos através de um questionário, notou-se que 59% destas mulheres apresentaram redução de sua libido com base nas mudanças corporais/hormonais advindas do processo de avanço da idade assim identificando que estes fatores podem dificultar a vivência sexual feminina visando assim a necessidade de uma preparação melhor por parte dos profissionais de saúde para intervenção nestas questões.

Almeida et al., inferiram que:

a sexualidade e a prática sexual podem ser prejudicadas pela ocorrência de alterações urogenitais, tais como dispareunia e a diminuição da lubrificação, mais prevalentes no estudo, como resultado do declínio hormonal. Os distúrbios com mais destaque na vida sexual feminina são diminuição da libido, da frequência e da resposta orgástica, cuja ocorrência está relacionada a diminuição do muco cervical e atrofia vulvovaginal, decorrente do hipoestrogenismo.

(ALMEIDA *et al.*, p. 245, 2016).

Percebemos então que algumas transformações corporais aparecem como sendo determinantes fatores desfavorecedores na vivência sexual das mulheres nesse momento em especial de suas vidas, impedindo-as de experimentar o prazer de maneira adequada. É preciso também que se faça uma leitura de como esta questão afeta a mulher subjetivamente e a relação que ela estabelece com o seu parceiro ou a sua parceira.

CREMA, TILIO & CAMPOS (2017), no trabalho intitulado: Repercussões da menopausa para a sexualidade de mulheres idosas: Revisão integrativa da literatura onde nele alerta-nos acerca das transformações hormonais decorrentes da menopausa tendo como objeto de estudo mulheres idosas, no afim de buscar quantificar possíveis sintomas biológicos que começaram a afetar a sexualidade das mesmas sendo possível notar uma maior valorização da mulher em seu período reprodutivo e que esse fator pôde interferir negativamente a auto percepção corporea das mulheres inclusas neste trabalho tendo em vista a fase de vida qual as mesmas vivenciavam. Em sua maioria, os artigos encontrados desta revisão de literatura deste trabalho destacaram que existem então fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais e individuais que influenciam na vivência sexual das mulheres idosas, alertando a necessidade de pesquisas mistas que possam ampliar a visão sobre os efeitos da menopausa na sexualidade feminina.

Os autores destacaram que

Compreender os papéis de gêneros faz-se relevante, pois historicamente é possível identificar a maior valorização da mulher no período reprodutivo do que nas fases consideradas não reprodutivas, o que demarca a associação da sexualidade feminina à reprodução e fertilidade. Tais estereótipos podem interferir negativamente na auto percepção da mulher e na sua sexualidade.

(CREMA, TILIO & CAMPOS, p. 755, 2017).

É possível perceber uma ligação entre o trabalho dos autores e o de Almeida *et al.*(2016), uma vez que a mulher, por não estar mais no seu período reprodutivo passa a não se enxergar como um corpo que pode sentir prazer sexual, afetando sua auto imagem. Para além das mudanças biológicas, o climatério e a velhice demarcam fases onde a mulher entra em conflito consigo mesma, pois socialmente é valorizada a fertilidade e a reprodução como sendo elementos que legitimam o “ser mulher”.

Mais uma vez podemos identificar a associação entre o sexo feminino e a reprodução como destacada por Laqueur (2001). A mulher, por não se encontrar mais em condições fisiológicas adequadas à reprodução tem seu corpo dessexualizado, não sendo mais vista como um ser apto ao ato sexual.

Uma solução possível para o controle das alterações biológicas é o uso de hormônios. GOUVEIA *et al.*,(2018) nesse trabalho intitulado: O papel da testosterona na melhoria do desejo sexual da mulher pós menopáustica: Uma revisão baseada na evidencia, construiu nele então uma revisão de literatura sobre o uso de testosterona para melhorar a vida sexual de mulheres em fase climatérica. Percebe-se que em um curto prazo existem melhorias advindas da terapêutica com testosterona, como o aumento da excitação e do desejo sexual, contudo o tratamento hormonal não tem grandes efeitos no auxílio à capacidade de sentir orgasmo. Os autores concluíram que ainda é preciso que se realizem novos estudos para avaliar a segurança do tratamento a longo prazo.

Apesar desses fatores dificultarem a experiência sexual de muitas mulheres com idade para a menopausa, estes não devem ser compreendidos isoladamente. Os resultados de grande parte dos estudos indicaram a importância da análise conjunta sobre os aspectos tanto biológicos quanto, psicológicos, sociais, históricos, além da maneira como a sexualidade das mulheres questionadas foram experienciadas ao longo de suas vidas e a influência dos relacionamentos cultivados, bem como o papel dos padrões sociais, valores, mitos e tabus sobre sexualidade e a educação destas mulheres. Todos esses fatores estão diretamente relacionados e podem representar distintas repercussões para a sexualidade.

Além disso, as mulheres estão em um momento social em que defendem a liberdade de expressão e escolha, a liberdade sexual como escolher o parceiro sexual e qual o nível de envolvimento que terão. Apesar das intensas manifestações, lutas, protestos, conflitos e busca por liberdade de expressão e direito sobre seu próprio corpo, percebemos que discursar é diferente de agir e no caso da sexualidade feminina, quanto ao seu prazer e a relação entre seu corpo, seu prazer e o envolvimento com o outro, percebe-se que as mulheres ainda não conseguiram libertar-se das amarras psicológicas e morais impostas pela sociedade ao longo desses anos.

Tudo isso influencia diretamente na questão da libido e nos orgasmos, o que favorece um entrave de modo que esses fatores sócio culturais também são relatados nos artigos científicos como agentes ativos desse problema. Dos trabalhos investigados, 4 discutiram de forma mais consistente a questão do orgasmo feminino, ressaltando o fator histórico-cultural.

Mackinnon (2016) no trabalho intitulado: *Feminismo, Marxismo, método e o estado: Uma agenda para a teoria* nos aponta para uma reflexão sobre como o modo "Fetichista e Mercadológico" trata o corpo feminino na atualidade, traz também uma discussão acerca do feminismo e empoderamento feminino a partir da ótica marxista. A autora destaca que o conceito de sexualidade é tão central ao feminismo quanto é o trabalho para o marxismo.

Para Mackinnon (2016),

Como o valor de uma mercadoria, a desejabilidade sexual das mulheres é fetichizada: é feita para parecer uma qualidade do objeto em si, espontânea, inerente, independente da relação social que a cria, não controlada pela força que a requer. É de grande ajuda se o objeto coopera: daí, o orgasmo vaginal; daí, todos os orgasmos fingidos juntos.

(MACKINNON, p. 833, 2016).

É notória a discussão que envolve esses entraves a satisfação do desejo feminino e isso na visão marxista é comparado ao trabalho. A autora (MACKINNON, 2016) traz referência como o da venda da hora de trabalho em uma alusão a venda sexual da mulher frente ao seu marido.

O gozo fingido também entra em pauta em um dos trabalhos encontrados. Lippi (2016) no trabalho intitulado: *O gozo da insatisfação na relação sexual onde nele a partir de um ensaio teórico sobre casos vividos na clínica psicanalítica em que aparecem a simulação do orgasmo feminino*. Percebe-se que o ato de simular não traz consigo apenas uma "frigidez", mas

que nele há uma espécie de gozo, uma vez que, de forma paradoxal, esta atitude lhe permite um “encontro” com o outro:

Uma mulher que simula o gozo aceita assumir um desejo que não é o seu; desejo que, entretanto, a atravessa, fazendo dela um objeto capaz de responder à exigência de gozo do outro. Um outro que se torna *Outro*: a mulher se submete a isso, ela se faz o instrumento do gozo do Outro, esquecendo o seu. Mas o sacrifício de seu próprio gozo é ainda um tipo de gozo — fracasso e gozo ao mesmo tempo: reconexão entre o sujeito e o Outro, gozo apático, vazio, uniforme, sem descontinuidade e sem ponto de parada.(LIPPI,p. 168, 2016).

Percebemos então que existe uma questão subjetiva que demarca a posição que o sexo assume na vida da mulher. O ato de transar é também uma forma de manter viva a relação, cabendo a mulher dar prazer ao seu marido para o mantimento de seu casamento. O seu prazer é colocado de lado, vendido então ao Outro. A autora construiu seu ensaio através de experiências heterossexuais, o que demarca mais uma vez a dominação dos homens sobre as mulheres, explicitando a forma como o sexo também faz parte das relações desiguais de poder entre os gêneros (LAQUEUR, 2001).

Podemos perceber então, imprimidas nos corpos femininos, marcas do processo de civilização, onde as mulheres são obrigadas a se adaptar às demandas, assumindo um papel de submissão perante ao homem, sendo o seu gozo menos importante ou irrelevante (LAQUEUR, 2001).

Podemos perceber esta posição de renegação do próprio prazer também em outro trabalho. Reis e Kobayashi, (2015) no trabalho intitulado: A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e o orgasmo nele avaliou-se a satisfação sexual de mulheres jovens entre 18 e 21 anos da cidade de São Paulo, considerando os conceitos de excitação e orgasmo. Para tal foi aplicado um questionário numa amostra de 60 mulheres que constatou que, para sentirem-se satisfeitas sexualmente, as mulheres não sentiam a necessidade do orgasmo, sendo o prazer do parceiro mais importante do que o delas.

Reis e Kobayashi relataram que,

95% das respostas as jovens afirmam estar mais preocupadas com o prazer sexual do parceiro. Esse dado revela o quanto essas jovens estão voltadas para a satisfação do outro, de modo que a responsabilidade pelo prazer alheio é delas e o seu próprio prazer sexual é de responsabilidade do(a) parceiro(a)... Para elas, o envolvimento afetivo com o(a) parceiro(a) é mais importante do que o ato

sexual em si. Aparentemente, estas mulheres ainda estão presas aos tabus sociais em relação ao sexo e ao desejo de estabelecer um relacionamento romântico e duradouro (REIS E KOBAYASHI, p. 34, 2015).

Por fim, Magalhães (2018) no trabalho intitulado: A vez de morrer: Granizo e chuva no lugar total de Simone Campos realizou-se então uma análise do romance “A Vez de Morrer” da autora Simone de Campos, no intuito de entender como o relacionamento afetivo a dois é tratado na literatura brasileira contemporânea. O artigo destaca a maneira como a sexualidade feminina é retratada, apresentando a representação do gozo feminino na obra. Um dado interessante fornecido pela autora é a transformação da visão sobre o sexual produzida no livro, pois a personagem principal muda radicalmente sua postura relacionada a sexualidade, tratando-a como algo normal, o que melhora a sua vivência sexual.

Lembramos então do que Reich (1990) postula sobre a ligação existente entre a inibição moral e a inibição sexual. Uma vez que a personagem do livro “A Vez de Morrer” passou a tratar a sexualidade como algo normal, não carregando mais a culpa por vive-la, ela conseguiu alcançar o gozo, até então não vivido.

Três dos dez artigos que discutem o orgasmo o fazem de maneira pontual. Consideramos que é interessante trazer as informações para continuar pensando sobre a maneira que o orgasmo é abordado pelo discurso científico e revelando os entraves que o impossibilitam na vida das mulheres.

O primeiro trata-se de uma avaliação da prevalência de disfunções sexuais em pacientes com artrite reumatóide. O orgasmo aparece apenas como um domínio avaliado pelo Índice de Função Sexual Feminina, não sendo constatada uma associação entre a doença e as disfunções sexuais (COSTA et al., 2014).

O segundo trabalho analisa a associação entre a satisfação corporal e sexual com a depressão de pacientes hemodialisados. A única constatação sobre o orgasmo apresentada no artigo é a diminuição, entre as mulheres, da frequência com que elas chegam ao ápice sexual (CARVALHO & BARBOSA, 2016).

O último dos três apresenta os resultados de uma intervenção usando a terapia cognitivo comportamental para o tratamento da disfunção sexual na pós menopausa. Apesar de tratar do tema da sexualidade, o artigo só apresenta o orgasmo como um domínio avaliado pelo instrumento usado, não se aprofundando na questão (ALMEIDA et al., 2018).

7. EXTASE

Grande parte das mulheres em alguma fase específica de suas vidas enfrentam ou já enfrentaram determinadas dificuldades em vivenciarem sua própria sexualidade de maneira menos contida e mais livre de aparatos psicológicos e sócio culturais que denotem nas mesmas diversas dificuldades no que diz respeito a garantia de uma melhor satisfação sexual e possibilitação de orgasmos nas mesmas. e com essa revisão da literatura evidenciou-se que além dos fatores hormonais/biológicos serem a causa, fatores como os sociais, histórico-culturais, nos quais o orgasmo feminino é um subproduto do orgasmo masculino, também estão diretamente ligados aos entraves que dificultam as mulheres de sentirem orgasmos.

Percebeu-se uma falta de artigos produzidos no campo da biologia, contudo existem trabalhos que se usam do conhecimento biológico para analisar questões referentes ao orgasmo feminino. Estariam as ciências biológicas silenciado diante deste tema? Por que só encontramos trabalhos que usavam do conhecimento biológico produzidos pelas ciências da saúde? É preciso que façamos este questionamento para aprimorar a maneira com que a biologia trata desta questão.

Percebemos ainda houve um maior protagonismo das ciências humanas quanto a produção de trabalhos sobre o tema em questão orgasmo feminino. Pensamos que seria interessante estimular a interdisciplinaridade, defendendo que a biologia também busque diferentes arcabouços teóricos para analisar o fenômeno da sexualidade feminina, contribuindo com a visão de que gênero e sexualidade são produções históricas e culturais, materializadas no corpo biológico através do processo civilizador (FAUSTO-STERLING, 2002)

Notou-se a importância de promover estudos na área da sexualidade, atentando-se para o público feminino e em especial, para o público adolescente que inicia a atividade sexual cada vez mais precocemente. A sexualidade feminina deve ser mais discutida na sociedade atual, no âmbito de sua satisfação sexual, pois esta não é comumente estudada.

Há ainda uma deficiência demasiada por parte da maioria das mulheres que foram questionadas nos trabalhos sobre o entendimento de seus próprios corpos e conjuntura sexual mental mais livre de tabus e delimitações sócio culturais que ainda se mantém estabelecendo um demasiado controle sobre elas e perpetuando assim nas mesmas determinados entraves sexuais (REICH, 1990).

Destaca-se também a necessidade de realização de outros estudos com metodologias mistas de coleta de dados e investigação mais incisiva para ampliar então as informações sobre a sexualidade feminina, tendo em vista a compilação dos diversos aspectos principalmente os

biológicos de maneira mais marcante que possam a vir contribuir cada vez mais para o enriquecimento dos estudos acerca da libido e do orgasmo feminino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Anthonio Alisancharles Batista de et al. **Influências do climatério na atividade sexual feminina**. Revista Rene, Fortaleza, v. 3, n. 17, p.422-426, jun. 2016.
- ALMEIDA, Maria de Jesus Siqueira de et al . **Terapia cognitivo-comportamental em grupo para a disfunção sexual na pós-menopausa**. J. bras. psiquiatr., Rio de Janeiro , v. 67, n. 4, p. 231-238.
- CARVALHO, Ana Raquel; BARBOSA, Maria Raquel. **A depressão nos doentes hemodialisados: o papel da satisfação corporal e da sexualidade**. Revista Portuguesa de Saúde Pública, Elsevier, v. 34, n. 2, p.144-153, jun. 2016.
- CECCARELLI, Paulo Roberto; ANDRADE, Eduardo Lucas. **O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo , v. 21, n. 2, p. 229-250.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)Conhecida**. 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- COSTA, Thaís Ferreira et al .Prevalence of sexual dysfunction among female patients followed in a Brasília Cohort of early rheumatoid arthritis. **Rev. Bras. Reumatol.**, São Paulo , v. 55, n. 2, p. 123-132.
- CREMA, I. L.; TILIO, R. ;CAMPOS,M. T.A.;**Repercussões da Menopausa para a Sexualidade de Idosas: Revisão Integrativa da Literatura**. Psicologia: Ciência e Profissão Jul/Set. 2017 v. 37 n°3, 753-769.
- FAGUNDES, Maria Edvania de Oliveira. **SEXUALIDADE HUMANA E ORGASMO SEXUAL**. Psicologia em Foco, Aracaju, v. 2, n. 1, p.102-110, jan. 2009.
- FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo**. Cad. Pagu, Campinas , n. 17-18, p. 9-79, 2002 .
- FURTADO, LuisAchilles Rodrigues; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes. **A psicanálise e as fases de organização da libido**. Revista Scientia, Fortaleza, v. 2, n. 4, p.93-107, jan. 2014.
- GOUVEIA,M.;SANCHES R.;ANDRADE, S.; CARMONA, S.; FERREIRA, C. **O Papel da Testosterona na Melhoria do Desejo Sexual da Mulher Pós-Menopáusia: Uma Revisão Baseada na Evidência**.Acta Med Port.31(11). 680-690. 2018.
- HALBE, H. W. **Tratado de ginecologia**. 3. ed. São Paulo: Roca, 2000.
- HATCHER, Robert A. et al. **Pontos essenciais da tecnologia de anticoncepção**. Baltimore: Escola de Saúde Pública Johns Hopkins, 2001.
- LINS, R. N.; BRAGA, F. **O livro de ouro do sexo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

- LEITE, Kelma Lima Cardoso. **Implicações da moral religiosa e dos pressupostos científicos na construção das representações do corpo e da sexualidade femininos no Brasil***. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 49, e174922, 2017.
- LIPPI, Silvia. **O gozo da insatisfação na relação sexual**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 165-174.
- LOPES, Anchyses Jobim. **Breve introdução a uma história da libido: Poetas Latinos, Santo Agostinho e Freud (via Foucault)**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 35, p. 23-39, jul. 2011.
- MACKINNON, Catharine A.. **Feminismo, Marxismo, Método e o Estado: Uma agenda Para Teoria**. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 798-839, 14 set. 2016. Universidade de Estado do Rio de Janeiro.
- MAGALHAES, Milena. **A vez de morrer: granizo e chuva no lugar total de Simone Campos**. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 121-136.
- MOURA, Rafael R.. **Seleção Sexual e Comportamento Reprodutivo em *Mecynogea Erytromela* (Holmberg 1896) (Aranae: Araneide)**. 2014. 71 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ecologia e Conservação de Recursos Naturais, Ufu, Uberlândia, 2014.
- PECHORRO, Pedro Santos et al. **Validação da versão portuguesa do Índice de Funcionamento Sexual Feminino - 6**. *Revista Internacional de Andrologia*, Elsevier, v. 15, n. 1, p. 1-15, mar. 2017.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **O feminismo bem-comportado de Heleieth Saffioti (presença do marxismo)**. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 321-333.
- REIS, A.S.; KOBAYASHI, C. **A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo**. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 36, n. 1, p. 29-36, 2015.
- SANTOS, Maíra Cordeiro; CAVALCANTE, Ilane. **A MULHER E A SOCIEDADE NO ROMANCE JUBIABÁ DE JORGE AMADO**. *Holos*, [s.l.], v. 8, p. 216-229, 13 jan. 2016. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).
- SILVA, SYMONE LOPES FRANCELINO GONÇALVES. **NEUROPSICOFISIOLOGIA DO DESEJO SEXUAL: alguns aspectos da regulação funcional da motivação sexual**. 2011. 119 f. Monografia - Curso de Pós-Graduação *Latu sensu* (Especialização) em Neurociência e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.
- SOUZA, Leandro Corsico. **Gênero e sexualidade na formação de docentes em Biologia**. 2008. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Ufpr, Curitiba, 2008.
- VIANA, Luciene Galvão. **A folia dos cus prolapsados: pornografia bizarra e prazeres sexuais entre mulheres**. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.